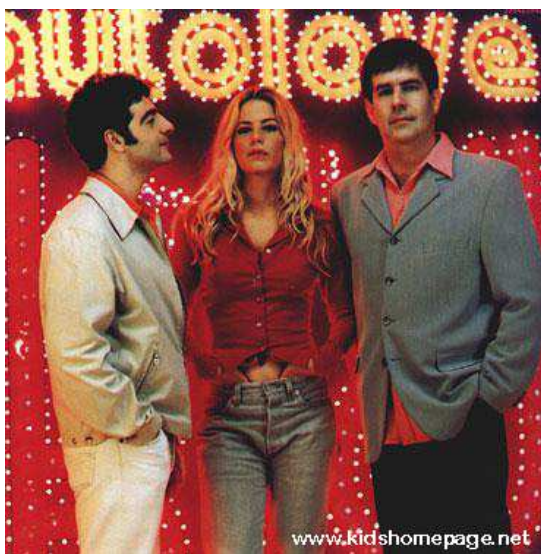


Na estrada a bordo de um Autolove



Já se foram 17 anos desde que o Kid Abelha apareceu nas FMs e programas de auditório cantando "Vem, amor, que a hora é essa...". Herbert Vianna deixou Paula Toller que deixou Leoni que formou os Heróis da Resistência. Os balzacos George Israel e Bruno Fortunato sobreviveram firmes e fortes ao lado da loura, apesar das especulações sobre o fim da banda depois da investida solo de La Toller, no ano passado.

Com disco novo na praça, "Autolove", eles iniciam turnê pelo Brasil, lançam clipe na MTV e voltam para a velha rotina estrada-palco-entrevista. Se você estranhou ver o Kid Abelha, ícone da geração pop dos anos 80, ao lado da Banda Eva, saiba que os autores de "Lágrimas e Chuva" pouco se importam em dividir o palco com as estrelas da axé music. "Tocamos em Fortaleza e Teresina com a Banda Eva. Na plateia havia mais de 20 mil pessoas", comemoravam. Enquanto se preparava para o show na Cidade Folia, na tarde do último sábado, a banda concedeu a seguinte entrevista exclusiva. Paula, que só chegou muito depois do início, também falou um pouquinho.

O que há por trás do neologismo "Autolove"?

Bruno - Foi uma ideia que a gente achou bem legal. A Paula teve a sacação de que "autolove" é um amor que move a si próprio e tem uma brincadeira com a palavra "automóvel". Tanto que no show a gente está pensando em colocar uns automóveis no palco, para criar um efeito visual. E fora isso, tem a viagem de cada pessoa em cima do nome.

As canções do disco seguem a mesma linha dos trabalhos anteriores do Kid Abelha. De uma certa forma, há um universo musical definido?

Bruno - É um disco só de músicas inéditas e a gente sempre trabalha com vários estilos. Por mais que se tente direcionar - a gente gosta de músicas animadas para tocar no show - existem músicas que exigem um certo tipo de arranjo e a gente acaba mudando a composição. Além disso, na hora de gravar, há sempre uma preocupação com o tom de voz da Paula. Quem trabalha com música sabe que o tom da vocalista tem que ser bem escolhido, ela tem que estar confortável.

Como rolou a participação do Egberto Gismonti?

Bruno - A gente estava com vontade de fazer alguma coisa com orquestra e a Paula tinha cogitado que a gente tocasse uma música do Egberto. Mas a gente pensou que era loucura tentar tocar como ele, é muita pretensão querer criar algo diferente. Quando entramos no estúdio, pensamos em chamá-lo e ele foi super solícito. Mandamos um fax para a filha dele e ela disse: "Ah, faça, o Kid Abelha é legal". Ele gosta de conversar, contar casos de Minas, foi bem legal.

E como está sendo a divulgação do álbum?

Bruno - Vamos agora para o Rio estrear o show propriamente dito, com cenário e tudo. Estamos preparando figurino, cenário, luz, mas não temos ideia de como vai ser a cara do show exatamente. Nas últimas turnês, temos feito um trabalho mais caprichado porque a ambientação favorece muito, há um envolvimento maior com o espírito do trabalho.

São 17 anos de estrada. O que mudou na relação com o público?

George - Acho que houve uma renovação do público. Isso ficou muito forte nos últimos dois anos, começamos a perceber uma garotada que antes não vinha aos shows.

Isso é legal...

George - É maravilhoso, eles conhecem todas as músicas, acho que por causa das coletâneas que a gente lançou ou por causa dos discos dos pais ou do irmão mais velho. No início a gente ficou meio espantado, mas é bom também saber que o público do início, que hoje tem quase a nossa idade, não abandonou a banda. Eles podem não ter a mesma disposição para ir em shows, ginásios, mas quando fizemos o disco acústico essa turma apareceu. Então, mesmo que não apareçam nos shows, estão nos acompanhando de longe.

Vocês voltaram à mídia com um disco de remixes. Como o Kid Abelha assimilou a sonoridade techno?

Bruno - A gente aproveitou uma solicitação da gravadora, porque independente da nossa vontade já existiam os remixes. Não temos nada contra, a gente gosta quando é bem feito. Então decidimos fazer.

Mas vocês gostaram do resultado?

Bruno - Muito. Ficamos até surpresos com algumas músicas. Tem um estilo de techno que é muito radical, a gente fica neurótico quando escuta, mas tem outras coisas que são bem legais, dá o maior pé.

Vocês gostaram do disco solo da Paula?

Bruno - Eu achei que ficou bem feito, era a vontade dela e também uma solicitação da gravadora. Acho difícil julgar, fica chato falar, porque eu trabalho com ela. O que eu sinto é que a Paula tem um gosto parecido com o nosso, ela gosta de muita coisa diferente e na hora de escolher um repertório deve ter sido difícil. Se eu estivesse no lugar dela, com certeza passaria pelo mesmo problema.

A crítica não recebeu muito bem o seu primeiro disco solo. Houve quem dissesse que faltou critério na escolha do repertório, que misturava Noel Rosa e Guns'n'Roses...

Paula - Pra mim, é natural. Eu escolhi um tipo de repertório quase todo da mesma época, então não tem muito problema se é samba ou uma música dos anos 40. O fato de eu ter colocado "Patience" e outras mais atuais ainda só completa o universo de letras do disco. Então em termos de letra é bem coerente e eu não estava querendo fazer um trabalho certinho. Queria cantar músicas de pessoas que me dizem alguma coisa, que foram importantes na minha vida. Eu tenho lembranças da minha casa, de músicas que eu gosto de cantar até hoje, e algumas eu resolvi do dia para a noite porque me emocionaram.

E o próximo disco solo. Está previsto no contrato da gravadora...

Paula - Vou fazer, sim, mais um disco solo, mas não tem ainda data, não estou trabalhando nada. O meu objetivo principal é viajar, fazer show, porque eu fiz muitos discos nesses últimos três anos. Vamos fazer o Brasil todo e várias vezes. Espero ficar bastante tempo na estrada para deixar mais esse negócio de estúdio, de ar condicionado.

O Kid Abelha então continua firme e forte?

Paula - A gente está lançando um disco novo agora, está em turnê. Acho que não tem resposta melhor.

Por: Jornal O Liberal - PA